

Lincoln Secco

Série Economia de Bolso

Retorno a Gramsci



LCTE *Editora*

Um Retorno à Tradição Ocidental

Eduardo Bellandi

Estudante de Letras (USP) e
Membro do Núcleo de Estudos d'O Capital

O *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução* (São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, 96 páginas, R\$ 18,00), que ora perfaz o historiador e livre-docente em história contemporânea pela Universidade de São Paulo (USP), Lincoln Secco, constitui obra de escopo e abrangência muito maiores que seu tamanho e formato permitem imaginar.

Esse *piccolo libro* faz par com aquela primeira incursão¹ do autor na obra do 'mártir do socialismo italiano' Antonio Gramsci, preso e morto pelo fascismo na primeira metade do século XX. Em diálogo intenso com a obra inicial – resultado de sua dissertação de mestrado² e onde realiza justa apreciação da recepção das ideias de Gramsci no Brasil - o retorno do agora professor da USP, Lincoln Secco, ao antigo objeto de pesquisa, fruto de suas primeiras incursões no mundo acadêmico, se faz mais rica de facetas no diálogo gramsciano.

Naquela recepção a Gramsci, traçava a trajetória do marxista italiano em *nostro paese*, desde a pré-história da chegada de suas ideias por aqui, passando pela edição e difusão de suas obras em *terra brasilis*, terminando por apresentar a maneira como o autor - seu pensamento, suas ideias - foi aqui recebido, na prática de dois partidos políticos (PCB e PT).

No retorno de agora à obra de Gramsci, Lincoln Secco apresenta outros aspectos do pensador italiano, não obstante e como veremos, sempre em diálogo com seu trabalho anterior. Da incursão que faz Gramsci na obra do poeta Dante Alighieri, passando por sua

apreciação do cesarismo e da maneira como interpreta Marx, até a apreciação da biblioteca compulsada por Gramsci no cárcere fascista, assim como a atualidade desse inovador do marxismo; este novo mergulho em temas gramscianos se apresenta tão mais rico quanto é o resgate histórico que faz no presente o historiador do passado.

O *nostros* – aliteração do grego, com significado de retorno – gramsciano, se inscreve na tradição ocidental desde seus princípios. Desse modo a *Odisseia*, poema da tradição oral grega, atribuído a Homero e escrito há mais de dois mil e oitocentos anos, pode ser também conhecido como o poema do *nostros*, uma vez que conta a história do retorno do nauta Odisseu a sua terra natal.

Desdobrando-se em partes – em que exegetas quiseram ver poemas distintos – a Odisseia desenvolve-se em três momentos onde aborda as aventuras de Telêmaco, filho de Odisseu, às voltas com a corte que pretendentes fazem a sua mãe Penélope, intentando, na falta do pai, tomar-lhe o reino (também denominada Telemaquia e abrangendo os Cantos I a IV); as aventuras de Odisseu, em busca do retorno a sua terra natal (ou Regresso, abrangendo os Cantos V a XII) e, por fim, a retomada do palácio por Odisseu (na parte do poema referente à Ítaca, Cantos XIII a XXIV).

Pois é justamente na parte que trata do retorno de Odisseu a sua terra natal, que a tradição poética ocidental encontra o Gramsci que Lincoln Secco nos apresenta em seu retorno ao autor dos *Quaderni del Carcere*. Mais precisamente, o encontro de Gramsci com essa tradição, nos conta o autor do livrinho, ocorre por meio de sua apreciação da obra de Dante Alighieri,³ poeta do medievo italiano, autor da *Divina Commedia*, ou mais precisamente, da apreciação que faz Gramsci do Canto X do Inferno.

Nele, o poeta, sempre acompanhado de seu guia espiritual Virgílio,⁴ adentra o sexto círculo do inferno onde se encontram ímpios e hereges e conversa com Farinata e Cavalcante, compatriotas contemporâneos seus. À guisa da apreciação de Dante por Gramsci, sugerida pelo autor, propomos igual apreciação da descida de Odisseu ao Hades, de maneira a não tirar brilho e incentivo à posterior leitura da obra aqui resenhada.

Pois é no Canto XI da Odisseia, que por meio do sacrifício oferecido aos deuses infernais e com a libação do sangue jorrado, que os mortos vêm beber⁵ – ardil ensinado a Odisseu, assim como a Dante é atribuída a descida ao inferno, ‘pela eminência... do teu engenho’⁶ poético – torna-se possível a descida ao Hades, de maneira

a poder consultar a sombra de Tirésias o adivinho cego a objetos por luz banhados, mas sensível ao imediato porvir. Pois como no Dante do Canto X analisado por Gramsci, os mortos desconhecem o presente imediato, sabendo apenas o passado e o futuro.

Tal como no Canto X do Inferno dantesco, o Canto XI da Odisseia, apresenta no catálogo das almas que, com Odisseu, travam diálogo, aspectos pessoais e individuais ou coletivos e políticos. Tomando como exemplo as conversas com Agamenon e Aquiles, ambos se orgulham de feitos e conquistas assinalados por Odisseu, mas diferem em reação e sentimento, ao perguntar sobre os filhos.

Destes, Odisseu não consegue informar o paradeiro do filho de Agamenon, Orestes, deixando seu pai 'distinto comandante de tropas',⁷ primeiro entre iguais reis que tomaram a poderosa cidadela de Príamo, tão triste e acabrunhado, quanto Cavalcante Cavalcanti, perante a ausência de resposta de Dante à candente pergunta pela vida de seu filho Guido: 'da doce luz do sol está privado?'⁸

Em ambos os poemas – na Odisseia, tanto quanto na *Commedia* – a ausência de resposta por parte de seus interlocutores – Odisseu, numa e de Dante, noutra – denotam estupefação e causam profunda tristeza naqueles interlocutores que anseiam por saber, no presente, o destino dado a seus filhos diletos.

A pronta resposta dada por Odisseu à pergunta de Aquiles sobre o filho Neoptólemo, muito embora nada tivesse a dizer sobre o distinto Peleu, pai do veloz guerreiro grego, faz com que Aquiles marche 'a largos passos ao campo dos asfódelos';⁹ assemelhando-se no porte e majestade à altivez da frente e do peito de Farinata 'com desprezo a tudo ali mostrando',¹⁰ frente às respostas dadas por seu compatriota toscano.

Reminiscências da antiguidade – permanecem no segundo capítulo, onde Lincoln Secco aborda o cesarismo, sob o atento olhar de Gramsci e Marx.

Quando César¹¹ atravessou o Rubicão com seus exércitos, a velha formação social que determinava a estrutura militar romana já não existia.

O *populus romanus*, pequeno agricultor, detentor da terra em que trabalhava e que possibilitava sua participação militar no exercito de defesa da cidade, fora há muito sacrificado pelos muitos anos de serviço militar – circunscrito à totalidade de uma campanha – ocasionando o empobrecimento, com a perda da terra em proveito do latifúndio.

A profissionalização¹² mesma do exército já ocorrera – com as reformas realizadas por Mário¹³ em 104 a. C. durante batalhas contra uma confederação de tribos germânicas – abrindo suas legiões ao ingresso dos *capite censi* (o proletariado¹⁴ romano).

No período imediatamente anterior, foi o fracasso das reformas intentadas pelos irmãos Graco¹⁵ desde 133 a. C., que levaram ao intenso empobrecimento e êxodo do povo romano de modo a formar na urbs a clientela que haveria de sustentar as ambições da mais variada gama de generais conquistadores, da qual César é o principal e mais acabado exemplo.

Assinaladas as ‘condições que permitem o surgimento do cesarismo’,¹⁶ como mostra o historiador na citação que faz de Gramsci: ‘o desenvolvimento histórico do qual César foi expressão, assume na península italiana, ou seja em Roma, a forma do *cesarismo* mas tem como quadro todo território imperial e na realidade consiste na desnacionalização da Itália... Roma torna-se uma cidade cosmopolita...’,¹⁷ assim como a *res publica* faz-se *imperium*, no principado a que Augusto¹⁸ dá início após firmar juramento por *totta Itália*, abrindo ao patriciado italiano a dignidade senatorial, anteriormente apenas possível ao cidadão romano.

Será em Paris, essa nova Roma, que o capitalismo, ‘pela primeira vez na história’¹⁹ fará realizar sua contradição básica, oferecendo à cena histórica ‘o acontecimento mais colossal das guerras civis europeias’,²⁰ o massacre de junho de 1848.

Finda a tragédia, Marx fará emular no sobrinho de César o sobrinho de Napoleão permitindo à farsa substituir a tragédia e o conteúdo da ação proletária, na ausência de seu programa, ir além da frase onde a revolução, desde então – e em sentido contrário àquele da Revolução Francesa²¹ – seguirá trajetória ‘descendente e o grupo mais radical (o proletariado) será o primeiro a passar aos bastidores’.²²

Passado o interlúdio com que emulamos a presença em Gramsci de ecos da antiguidade, podemos agora retornar, de modo sucinto, à matéria gramsciana, com que o autor perfaz sua viagem pela história.

O retorno que faz Gramsci a Marx – ocorre pela exegese do conhecidíssimo *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*. No texto de 1859, Lincoln Secco irá apontar a apreciação gramsciana em torno à questão da *estrutura econômica e superestrutura jurídica e política*²³ onde, afirma o autor ocorre ‘um choque entre estrutura e a instância jurídico-política (superestrutura)’, que nada mais são que

‘Forças Produtivas e relações de produção mediadas ou representadas pelas suas expressões superestruturais’.²⁴

Lincoln Secco apresenta a opinião de Gramsci, segundo a qual não há em Marx mera inversão da concepção hegeliana de espírito: onde, em Hegel, se encontrava o espírito, Marx teria colocado a economia, substituindo dessa forma uma dialética idealista por outra materialista.

Desse modo e para Gramsci, ‘Marx não substituiu a Ideia hegeliana pelo conceito de estrutura’, porém questionava ‘como a estrutura se torna superestrutura no processo histórico’.²⁵

Acreditava Gramsci que Marx fazia a apresentação de um método e não uma descrição empírica de uma base, de onde se elevaria uma construção e que solapada a primeira, ruiria a construção sobre ela levantada.

Assim, ‘as forças materiais são conteúdo e as ideologias a forma’, aparência mesma desse conteúdo, tal qual um livro é a base material para as ideias nele contidas. Haveria um imbricamento entre forma e conteúdo, assim como estrutura e superestrutura estariam, relacionadas também. Não existido uma sem a existência da outra: donde ‘as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais, sem as forças materiais’.²⁶

Em torno a uma biblioteca – vamos findando esta apreciação da obra de Gramsci, não apenas porque foram livros os principais objetos de mediação com a realidade, na vida desse intelectual, a partir de sua prisão em 1926, mas porque, também, desta maneira retornaremos ao início.

Início da obra daquele Lincoln Secco que, como dissemos, nos apresenta seu objeto de pesquisa e interesse de vida, tanto antes como agora, como o estudo da história editorial das obras de Gramsci, quer naquela recepção brasileira, quer na apreciação de sua biblioteca no cárcere.

Ao tempo de vida de Gramsci, os livros e bibliotecas constituíam, conforme sugerido acima, ‘suportes materiais de obras *espirituais*, destinadas a garantir e consolidar uma visão de mundo dominante na sociedade’.²⁷

Bibliotecas são, portanto, ‘a materialidade da superestrutura’, dado que incorre em erro quem queira imaginar que uma superestrutura careça de base material, confundindo ‘estrutura *tout court* com estrutura material’.²⁸

Objetivando, como sempre, compreender como essa superestrutura operava numa estrutura capitalista, Gramsci realizará uma investigação - ele também - a respeito da produção editorial na Itália.

O relato pormenorizado que Lincoln Secco apresenta desta investigação gramsciana, pode ser sintetizado, dentre outras, na citação: 'o período em que Gramsci permaneceu preso assistiu a um aumento da média anual de publicações de livros. No intervalo 1922-26 a média anual... No período 1927-31, a média subiu... Depois, entre 1932-36 a média... Até a Guerra, o volume de edições incrementou-se ainda mais'.²⁹

Conta que nos anos finais do século passado, uma italiana vivendo no Brasil desde 1920, afirmou a seu neto que 'ao tempo de Mussolini, os trens chegavam no horário'.

Como tal, pode-se depreender, também, que mesmo durante o fascismo, o desenvolvimento das forças produtivas materiais, tenha elevado as condições materiais de existência, ou seja, o aumento da produção material com que se permite a expressão e transmissão da ideia, resultando no incremento da educação e cultura.³⁰

Claro está que a quantidade não determina, necessariamente, a qualidade, como parece demonstrar Gramsci ao perguntar-se pelo o que se lê: 'lê-se muito ou pouco? E o que se lê mais? Está se formando uma classe média culta mais numerosa que no passado, que lê mais, enquanto as classes populares lêem muito menos; isto aparece na relação entre os livros, revistas e jornais. Os jornais diminuíram em número e imprimem menos cópias; lêem-se mais revistas e livros (isto é, há mais leitores de revistas e livros)'.³¹

Por fim, construímos esta resenha, principalmente, em torno daquilo que no instigante livrinho de Lincoln Secco, nos pareceu o mais curioso, surpreendente e inovador, uma vez que retornos, embora longos e às vezes atribulados, também são 'repletos de aventuras, repletos de saberes', como canta o poeta em sua ÍTACA.³²

Notas

1. SECCO, LINCOLN: *Gramsci e o Brasil – recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo, Cortez, 2002 (Coleção Questões de Nossa Época; volume 94), 119 páginas, R\$ 12,00;
2. SECCO, LINCOLN: *A recepção das ideias de Gramsci no Brasil*. São Paulo, 1998, 287 páginas;
3. A obra de DANTE ALIGHIERI (1265 a 1321), denominada *Divina Comédia* e também composta de três partes, a saber *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, cada uma com trinta e três Cantos, divididos em estrofes de

três versos, cada estrofe com trinta e três sílabas (onze sílabas por verso). O *Inferno* é dividido em nove círculos, sendo o primeiro o *Limbo*, onde se encontram os pagãos, o segundo onde se encontram os luxuriosos, no terceiro os gulosos, no quarto os pródigos e os avarentos, no quinto os iracundos, no sexto os hereges e ímpios, no sétimo os violentos (dividido, por sua vez em três partes, uma para os praticantes de violência contra o próximo – tiranos e assassinos – outra para os violentos contra si mesmos – suicidas – e a última destinada aos violentos contra Deus – blasfemos, sodomitas e usurários. O oitavo círculo é, por sua vez dividido em dez valas, abrigando rufiões e sedutores, aduladores, simoníacos, mágicos e embusteiros, corruptos e trapaceiros, hipócritas, ladrões, fraudadores, semeadores de discórdia e, por fim, falsários. No nono círculo, onde se encontra o diabo, estão também os traidores. O *Purgatório*, por sua vez, é dividido em sete *giros*, destinando-se o primeiro aos orgulhosos, o segundo aos invejosos, o terceiro aos iracundos, o quarto aos preguiçosos, o quinto aos avarentos, o sexto aos gulosos e o sétimo giro aos luxuriosos. Seguindo uma hierarquia baseada nos sete pecados capitais, o Purgatório é composto, ainda, por um ante-purgatório, destinado a indolentes e omissos. O *Paraíso* é formado por nove céus, esferas concêntricas, em cuja primeira encontram-se almas impedidas de cumprir seu voto religioso, na segunda, almas virtuosas por desejo de fama e glória, na terceira, as almas sensíveis ao amor físico, na quarta os teólogos, na quinta os mortos em combate pela igreja e pela fé, na sexta esfera as almas dos príncipes que governaram com sabedoria, na sétima os contemplativos, na oitava Cristo e os santos e na nona esfera a própria essência divina.

4. PUBLIUS VIRGILIUS MARO (70 a 19 a.C.), poeta latino, inspirador da obra de Dante, autor da grande epopeia nacional romana *Eneida*, onde também, seguindo a tradição grega de Homero, realiza a descida aos infernos de seu herói Eneias;
5. Acreditam os gregos que, por meio do sangue, corporificam-se os espíritos, tornando possível, com eles, falar;
6. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 27;
7. HOMERO: *Odisseia - volume dois - Regresso* (tradução do grego, introdução e análise de Donald Schuler). Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, página 201;
8. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 27;
9. HOMERO: *Odisseia - volume dois - Regresso* (tradução do grego, introdução e análise de Donald Schuler). Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, página 207;
10. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 26;
11. CAIUS JULIUS CAESAR (101 a 44 a.C.) estadista e general romano. Conquistador da Gália, atravessou o Rubicão – limite geográfico ao norte de Roma que nenhum contingente armado poderia ultrapassar sem despertar a defesa da cidade – a 11 de Janeiro de 49 a. C. com seu exército, entrando em Roma como conquistador e dando início à guerra civil.

12. O pagamento do *stipendium* é resultado de uma reforma militar - realizada por Camilo -anterior àquela que a seguir assinalamos;
13. GAIUS MARIUS (157 a 86 a. C.) general e político romano, evitou a invasão germânica, derrotando os teutões em Aix (102 a. C.) e os cimbrios em Vercelli;
14. Por *proletário*, considera-se, em Roma, aquele cidadão que não tem com que contribuir com a república, senão com sua prole;
15. TIBERIUS SEMPRONIUS (163 a 132 a. C.) e GAIUS SEMPRONIUS (154 a 121 a. C.) GRACCHUS, irmãos, tribunos da plebe e oradores romanos - filhos do plebeu Tibério Semprônio Graco - intentaram reformas, tais quais a *lex sempronia agraria*, que objetivava impor limites à concentração de terras em mãos patrícias e ao aumento da proletarização da cidadania romana;
16. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 39;
17. Idem;
18. Caius Julius Caesar Octavianus Augustus (63 a. C. a 14 d. C.), princeps romano, chamado primeiramente Otávio, depois Otaviano, foi sobrinho neto e herdeiro de Júlio César. Triúmviro e em seguida senhor único do poder, após sua vitória sobre Marco Antonio, na batalha de Accio (em 31 a. C.). Recebeu, com o nome de Augusto (em 27 a. C.), os poderes repartidos, até então, entre os magistrados;
19. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 36;
20. Idem;
21. ‘A primeira Revolução tinha história... seguia uma linha ascendente, como toda verdadeira revolução. O grupo mais radical suplantava o mais moderado e levava a revolução adiante.’ Idem, ibidem, página 37;
22. Idem, Ibidem;
23. Citando Marx: ‘O resultado a que cheguei e que uma vez obtido, serviu de fio condutor a meus estudos... na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política...’ Idem, ibidem, página 48;
24. Idem, ibidem, para ambas as citações, à página 49;
25. Idem, ibidem, para ambas as citações, à página 50;
26. Idem, ibidem, para ambas as citações, à página 52;
27. Idem, ibidem, à página 60;
28. Idem, ibidem, citações à página 59;
29. Idem, ibidem, à página 64;
30. Assim também durante a recente ditadura militar brasileira;
31. SECCO, LINCOLN: *Retorno a Gramsci – economia, literatura e revolução*. São Paulo: LCTE Editora, 2010 – série economia de bolso, página 65;

32. ÍTACA (de KONSTANTINOS KAVÁFIS, com tradução de José Paulo Paes): *Se partires um dia rumo a Ítaca,/faz votos de que o caminho seja longo,/repleto de aventuras, repleto de saber./Nem Lestrigões, nem os Ciclopes/nem o colérico Posídon te intimidem;/eles no teu caminho jamais encontrarás/se altivo for teu pensamento, se sutil/emoção teu corpo e teu espírito tocar./ Nem Lestrigões nem os Ciclopes/nem o bravo Posídon hás de ver,/se tu mesmo não os levars dentro da alma,/se tua alma não os puser diante de ti./ Faz votos de que o caminho seja longo./Numerosas serão as manhãs de verão/nas quais, com que prazer, com que alegria,/tu hás de entrar pela primeira vez um porto/para correr as lojas dos fenícios/e belas mercancias adquirir:/madrepérolas, corais, âmbares, ébanos,/e perfumes sensuais de toda espécie,/quanto houver de aromas deleitosos./A muitas cidades do Egito peregrina/para aprender, para aprender dos doutos. Tem todo tempo Ítaca na mente./Estás predestinado a ali chegar./ Mas não apresses a viagem nunca./Melhor muitos anos levars de jornada/e fundeares na ilha velho enfim,/rico de quanto ganhaste no caminho,/sem esperar riquezas que Ítaca te desse./Uma bela viagem deu-te Ítaca./Sem ela não te ponhas a caminho,/Mais do que isso não lhe cumpre dar-te./ Ítaca não te iludiu, se a achas pobre./Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,/e agora sabes o que significam Ítacas.*